



DOSSIÊ: REPRESENTAÇÃO POLÍTICA E IDEOLOGIA

As direitas subalternas da América Latina: uma análise sobre os discursos de Macri e Bolsonaro durante as campanhas eleitorais

Las derechas subalternas de América Latina. un análisis de los discursos de Macri y Bolsonaro durante las campañas electorales

The subaltern right in Latin America. an analysis of Macri's and Bolsonaro's speeches during the election campaigns

Guillermo Omar Orsi¹

orcid.org/0000-0001-7445-9912
gorsi83@gmail.com

Recebido em: 14 jun. 2023.

Aprovado em: 25 set. 2023.

Publicado em: 01 dez. 2023.

Resumo: O objetivo deste artigo é verificar a pertinência do conceito de Partidos Populistas Radicais de Direita (PPRD), desenvolvido por Cas Mudde, que forma parte do *mainstream* teórico que analisa os discursos das ultradireitas (extremistas e radicais) ao confrontá-los com os casos da América Latina e propor as adaptações para poder entender ditos fenômenos. Esta conceituação entende que as ultradireitas se caracterizam pela presença de três elementos simultâneos: o autoritarismo, o populismo e o nativismo. O estudo foi realizado a partir dos vídeos postados pelos representantes das direitas na Argentina e no Brasil em seus próprios canais no YouTube. Conclui, assim, que o olhar limitado dos teóricos europeus e norte-americanos aos seus próprios contextos impede-lhes de perceber que as ultradireitas na América Latina são definidas pela subalternidade, buscando legitimidade na aproximação com os modelos estrangeiros de políticas, cultura e moral.

Palavras-chave: Discursos. Direita Radical. Argentina. Brasil.

Resumen: EL objetivo de este artículo es verificar la pertinencia del concepto de Partidos Populistas Radicales de Derecha, desarrollado por Cas Mudde, quien forma parte del *mainstream* teórico que analiza los discursos de las ultraderechas (radicales y extremistas) al confrontarlo con los casos de América Latina y proponer las adaptaciones necesarias para poder entender dichos fenómenos. Este concepto entiende que las ultraderechas se caracterizan por la presencia simultánea de tres elementos simultáneos: el autoritarismo, el populismo y el nativismo. El estudio fue realizado a partir de los videos publicados por los representantes de las derechas argentina y brasileña en sus propios canales de *YouTube*. Concluimos que la visión de los teóricos europeos y norteamericanos limitada a sus propios contextos les impidió de percibir que las ultraderechas de América Latina se definen por la subalternidad. Buscando legitimidad en la aproximación con los modelos extranjeros de política, cultura y moral.

Palabras clave: Discurso. Derecha Radical. Argentina. Brasil.

Abstract: The objective of this article is to verify the relevance of the concept of Populist Radical Right Parties, developed by Cas Mudde, which is part of the theoretical *mainstream* that analyzes the discourses of far-right (extremist and radical) movements by confronting them with the cases of Latin America and proposing adaptations to understand these phenomena. This conceptualization understands that far-right movements are characterized by the simultaneous presence of three traits: authoritarianism, populism, and nativism. The study was conducted based on videos posted by representatives of the right-wing movements in Argentina and Brazil on their own YouTube channels. It is concluded that the limited perspective of European and North American theorists to their own contexts prevents them from realizing that far-right movements in the Latin America region are defined by subalternity, seeking legitimacy through the



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapeco), Chapecó, SC, Brasil.

approximation to foreign models of politics, culture, and morality.

Keywords: Discourse. Radical Right. Argentine. Brazil.

Introdução

"Mas qual é a audácia? Fortes com os fracos e fracos com os fortes?"² Estas foram as indagações do então governador do Estado de Santa Cruz, Nestor Kirchner, direcionadas à ministra de desenvolvimento social argentina,³ no ano de 2001, contra a redução das aposentadorias em função das demandas do FMI como forma de reorganizar o equilíbrio do orçamento nacional. Do lado brasileiro da fronteira é o deputado Zeca Dirceu quem se referiu ao ministro de economia do governo Bolsonaro como "tigrão quando é com os aposentados, com os idosos".⁴

As cenas relatadas informam uma das questões centrais do artigo, quais sejam: a valorização e a hierarquização dos países centrais em face à própria nação, sendo os interesses estrangeiros priorizados antes que os interesses nacionais, como características definidoras da direita subalterna.⁵

O estudo desta questão será feito, nas próximas páginas, a partir da crítica ao conceito de Partidos Populistas Radicais de Direita (PPRD) (Mudde 2007). Para isso, serão analisados comparativamente os discursos das direitas na Argentina e no Brasil, representadas por Mauricio Macri e Jair Messias Bolsonaro. Os dados utilizados para este artigo provêm dos vídeos publicados por eles nos seus canais do YouTube durante o segundo turno das campanhas eleitorais para a presidência nas que resultaram vitoriosos. Isto implica que no caso argentino foram selecionados os vídeos postados por Macri no seu canal pessoal de YouTube entre o dia 25 de outubro e o dia 22 novembro de 2015. Já no caso do Brasil, foram

considerados os vídeos postados por Bolsonaro no seu canal pessoal do YouTube entre o dia 7 de outubro e o dia 28 de outubro de 2018.

Ao escolher os discursos de campanha como fonte de dados, entende-se que eles possuem características específicas dentro do amplo leque de discursos políticos existentes, pois têm por objetivo persuadir os eleitores em um momento específico. Eles constituem um microcosmo "que reflete e formata a vida social, econômica, cultural e, obviamente política de uma nação" (Mancini e Swanson 1996, 1) e fazem isso através de uma retórica de natureza ficcional na qual os candidatos "constroem um mundo atual possível, igual ou um pouco diferente do mundo atual real, e com base nele projetam um novo e bom mundo futuro possível" (Figueiredo et al. 1997, 186). Este tipo de discurso, da mesma maneira que a ideologia, constrói e projeta um mundo ideal futuro, de maneira mais nítida que outros tipos de discurso político. Entende-se que os discursos eleitorais expressam de forma concentrada o núcleo duro dos posicionamentos dos atores e se expressam em um momento de efervescência social (Weiss 2013) no qual a maior parte da população está se engajando politicamente. O YouTube foi escolhido como fonte de dados desta pesquisa tanto por questões práticas quanto teórico-empíricas (Lewis 2018a, 2018b, 2020; Munger e Phillips 2020; Tufekci 2018), entre as quais se destaca a crescente centralidade da plataforma como fonte de informação e notícias.

O referido conceito é útil para a análise das direitas. Principalmente, considerando o atual contexto de expansão e normalização dessas experiências no Ocidente. Como destaca Mudde (2007, 2019b), os PPRD possuem três elementos principais que definem as experiências populistas no Ocidente, são elas: o populismo, o autoritarismo e o nativismo. Entretanto, ao olhar para

² "Kirchner a Bullrich: '¿Cuál es la audacia? ¿débiles con los fuertes y fuertes con los débiles?'" YouTube video, 14 abr. 2015. https://www.youtube.com/watch?v=08-HllyJXqo&ab_channel=ffreakystyley.

³ A ministra, Patricia Bullrich, voltaria ao governo em 2015 como Ministra de segurança do governo Macri. Em 2023 foi a candidata presidencial desse espaço político.

⁴ Rocha, Ludmylla e Paloma Rodrigues. 2019. "Zeca Dirceu chama Guedes de 'tchutchuca'; ministro responde: 'é a mãe, é a vô.'" *Poder 360*, 3 abr. 2019. <https://www.poder360.com.br/congresso/presidente-encerra-audiencia-na-ccj-apos-deputado-chamar-guedes-de-tchutchuca>.

⁵ A noção de direitas subalternas é um achado da pesquisa no âmbito tese doutoral (Orsi 2022). A mesma encontra-se em processo de desenvolvimento.

a América Latina, o elemento nativista, central dos cenários estudados por Mudde, mostrou-se inadequado para a interpretação dos casos Sul-americanos. O argumento deste trabalho, defende a ideia de que a teorização do Mudde carece de uma dimensão-chave no nosso contexto, a relacional. Isto é, carece da consideração sobre as posições dos atores e seus países nas relações entre centro e periferia (Connell, 2012).

A pesquisa informa que a subalternidade se expressa como uma valoração positiva das influências estrangeiras para o país em termos de valores culturais, morais e étnicos. Assim como na crença de que uma aproximação – entendendo a aproximação como o incremento dos intercâmbios comerciais políticos e diplomáticos – mais estreita com os países do Norte global é intrinsecamente desejável e benéfica para o país. E na desconfiança e desvalorização contra os grupos sociais, valores morais e culturais do próprio país. Elementos que estão ausentes nas direitas do "Norte global".

Além desta introdução, o artigo foi estruturado em mais três seções. Na primeira seção, analisa-se o conceito de PPRD, dando foco às limitações desta concepção. A seguir, são apresentados os casos da Argentina e do Brasil olhando para eles a partir dos conceitos apresentados e propondo uma interpretação alternativa. Por fim, são feitas algumas considerações em relação à análise do discurso das direitas na América Latina.

Partidos Populistas Radicais de Direita

Cas Mudde (2007, 2018, 2019a) é um dos principais autores do *mainstream* teórico do estudo das ultradireitas (radicais e extremistas) tendo se tornado referência para a maioria dos autores nesta área de pesquisa (Rydgren 2007; Caiani 2018; Eatwell 2004) e, por isso, a crítica será direcionada ao seu trabalho.

Mudde (2007, 2018), ao estudar as ultradireitas, identifica dois grupos principais: a extrema direita e a direita radical, divididas, principalmente, pelo seu posicionamento diante da democracia. Os extremistas se opõem à democracia e acreditam que as pessoas não devem escolher seus líderes.

O líder é um indivíduo imbuído de qualidades únicas e extraordinárias que deve governar pelo bem da nação, mesmo sem o apoio da população. Já os radicais de direita aceitam formalmente a democracia, mas contestam alguns dos seus valores fundamentais, como os direitos das minorias e o pluralismo.

É olhando para o segundo grupo que Mudde desenvolve o conceito de PRD. Esta conceituação possui três elementos principais (nativismo, autoritarismo e populismo) entre os quais o nativismo se apresenta como um elemento definidor. Ele expressa a ideia de um nacionalismo xenófobo, entendendo o nacionalismo como a doutrina política que aponta para a congruência entre a unidade cultural e política da Nação e do Estado. Esta ideologia sustenta, portanto, que o Estado deveria ser habitado somente por membros do grupo nativo (a nação), e que os não nativos, sejam pessoas ou ideias, são fundamentalmente uma ameaça para a nação homogênea.

O autoritarismo é entendido por Mudde (2007) como a operacionalização da ideia de "personalidade autoritária" (Adorno et al. 2019); a predisposição geral para glorificar e servir acriticamente uma figura de autoridade no grupo interno e de possuir uma atitude punidora das figuras externas ao grupo em nome de uma autoridade moral. É a crença em uma sociedade estritamente organizada onde infringir as regras determinadas pelas autoridades deve ser severamente punido.

Finalmente, o populismo é entendido por Mudde (2007, 2019a) como uma ideologia "fina" (*thin*) que deve se combinar com outros elementos (neste caso, o nativismo) e que considera que a sociedade está dividida entre as "pessoas puras" e a "elite corrupta" e que a política deve refletir a vontade geral. Para os populistas, as constituições, leis e direitos humanos se encontram em segundo lugar, enquanto a voz do povo, interpretada por eles, deveria ser a autoridade principal.

Em algum momento poder-se-ia questionar por que caracterizar as direitas a partir das direitas radicais. A questão é resolvida pelo próprio Mudde (2019a, 2019b, 2020), que entende que na atualidade nos encontramos na quarta onda

dos radicalismos de direita e que os mesmos, assim como as suas pautas, têm começado a se normalizar e a “*mainstreamizar*”, fazendo com que as fronteiras com os partidos tradicionais ou “normais” da direita estejam se apagando. Esta onda inicia-se nos anos 2000 e se caracteriza pela *normalização* do radicalismo e o crescimento dos partidos radicais na arena eleitoral.

Para Mudde (2019a) a ideia que alimenta obsessão dos PPRD europeus e norte-americanos com a imigração está vinculada com a ameaça da “teoria da grande substituição”. Está expressa a ideia de que os imigrantes irão substituir os nativos se lhes é permitido ingressar e viver conforme seus costumes e línguas no território nacional; entendem que “a imigração em massa constitui uma ameaça existencial para a própria Nação e o Estado” (Mudde 2019a, 19).

Os casos da Argentina e do Brasil

Para além das particularidades, tanto Macri quanto Bolsonaro se colocam como *outsiders* da política tradicional dos seus países. Macri se apresenta como um empresário e herdeiro de família que sempre foi rica enquanto Bolsonaro se apresenta como um militar de origens humildes. Ambos usam da sua história pessoal na construção da sua liderança e posicionamentos. Apesar das diferenças, Prego e Nikolajczuk (2020, 232) afirmam que, ambos “usufruíram da crise dos partidos” apresentando-se como partidários de uma dinâmica nova de participação.

Para a análise dos casos, foram reconstruídas as referências feitas nos vídeos à figura do líder, do seu grupo político e da oposição, de maneira a identificar o populismo dos discursos. Posteriormente, avaliando o conteúdo das ações, passadas ou propostas, dos *nós* e do *eles*, foram capturados os elementos referentes aos problemas sociais, seus responsáveis e as soluções possíveis, isto é, as categorias do autoritarismo e do nativismo (subalternidade). Buscou-se identificar quais questões tiveram destaque e avaliar as semelhanças e diferenças entre eles.

Em termos gerais, os vídeos do Macri possuíram uma maior estrutura e preparação que os do

Bolsonaro na campanha ao longo do tempo, isto não implica que as “falhas” na iluminação, som, edição, maquiagem etc. do Bolsonaro tenham sido espontâneas, mas aponta para uma estética que, no mínimo, buscava expressar uma menor sofisticação. Já os vídeos do Macri eram marcados por uma estética reconhecível em termos de cores, duração, música etc., que permitiu encontrar um eixo condutor da campanha com facilidade, o que não aconteceu no caso do Bolsonaro.

Populismo

Embora para Mudde (2007) o populismo possa ser sintetizado na ideia de “ideologia fina” que considera o mundo dividido entre “pessoas puras” – a *buena gente* e o *ciudadão de bem* – e a “elite corrupta” – os kirchneristas, *La Campora*, o PT, a “esquerda” etc. – percebe-se através do trabalho de Casullo (2019) que o conceito engloba uma complexidade maior. Posto que o populismo narra a história de traição e redenção de um povo guiado por um líder que, apesar de excepcional, não é o herói do relato. Para a autora, o herói é o próprio povo, enquanto os vilões são tanto as oposições políticas quanto seus “obscuros aliados internos e externos” (Casullo 2019). Nos casos de Bolsonaro e Macri, o *ciudadão de bem* e a *buena gente* identificam o povo ao qual eles procuram representar não só de maneira material, mas fundamentalmente enquanto categorias morais. Estes são definidos como representações do bem, do desejável, do justo e, em segunda instância, como trabalhadores, cristãos, conservadores etc. Para ambos há uma centralidade na característica pessoal dos seus apoiadores e colaboradores, estes são *buena gente*, e *ciudadãos de bem*.

Paralelamente os “vilões” também são representados de maneiras semelhantes, mas com ênfases diferentes. Por exemplo, em relação à corrupção, Macri afirma que os kirchneristas são *muito corruptos* e Bolsonaro aponta que os membros do PT são “os mais corruptos do mundo”. No entanto, apesar de Macri perceber que o kirchnerismo está composto por pessoas más, opressoras, autoritárias e inescrupulosas, das quais poucas exceções podem ser feitas,

para Bolsonaro o PT representa o mal absoluto, equiparável com o nazismo que, no limite, escraviza a população. Assim, no primeiro caso, há pontes ou contatos possíveis, o que não acontece no segundo, pois com o mal absoluto não podem existir negociações, deve ser expulso ou eliminado.

Bolsonaro parte da sua imagem de militar para se afastar de "tudo que está aí", apontando para "a velha política" como responsável da situação atual e defendendo a ditadura militar (1964-1989). Da mesma maneira, Macri procura se afastar do neoliberalismo dos anos 1990 com o qual é vinculado discursivamente. Mas, enquanto para Macri a utopia ou o objetivo está colocado no futuro: "vamos *construir* o país que sonhamos", Bolsonaro apela ao passado, à recuperação de algo que teria sido perdido/roubado: "juntos *reconstruiremos* o nosso Brasil. Até a vitória, se Deus quiser!".

Sobre as eleições, ambos apresentam dúvidas sobre os sistemas eleitorais nos quais se encontram e propõem mudá-los para melhorar a qualidade da democracia, que ambos argumentam estar defendendo. Chama atenção que enquanto Macri afirma a necessidade de passar do voto impresso para o voto eletrônico, Bolsonaro traça o caminho oposto para atingir o mesmo objetivo. O que se destaca em comum é a desconfiança sobre o sistema atual. Enquanto Macri busca fazer o sistema mais "transparente", Bolsonaro declara uma "absoluta falta de confiança" no mesmo.

Apesar destes distintos perfis, ambos recorrem aos conhecimentos e capacitações tecnocráticos alegadamente objetivos para resolver os problemas do país. Assim, mobilizam a ideia de que constituirão equipes de governo não ideologizadas, pragmáticas, e com o objetivo de resolver os problemas técnicos, objetivos.

Em termos da liderança, Macri é enquadrado no seu canal, em primeiro lugar, como uma pessoa que "escuta" e dá lugar aos outros. Não enxergando as diferenças de gênero, sexualidade, ou deficiências físicas nos seus companheiros, mas somente o trabalho e o comprometimento. Já Bolsonaro é apontado como uma pessoa "autên-

tica" com um "jeitinho próprio" de se comunicar, porém sensato, humilde e capaz de se corrigir. Esta descrição, indica que ele é uma pessoa que tem "garra", isto é, decisão de avançar nas questões nas quais acredita. Por outro lado, o atentado sofrido durante a campanha lhe serve para mostrar que ele não seria autoritário e violento, mas uma vítima dos realmente autoritários e violentos.

Na construção das suas identidades, o lugar da "família" possui características diversas. Embora a ideia de "defesa da família" seja central no discurso do Bolsonaro é na campanha de Macri onde ela é mais retratada. Em uma parte significativa das suas intervenções na mídia tradicional, Macri apareceu acompanhado de sua filha mais nova e esposa ao tempo que as histórias sobre seu relacionamento (e como este é importante para ele em termos pessoais) cobrem aproximadamente um 30% do seu tempo nas entrevistas. Paradoxalmente, no caso de Bolsonaro, este tipo de intervenção está ausente nos seus vídeos e discursos. Somente três vezes ele fala da sua própria família, lhe agradecendo pelo apoio durante a recuperação do atentado. Em uma destas ocasiões, na presença de Eduardo Bolsonaro, diz "queria ter um pai como o de vocês" fazendo da referência aos seus filhos uma referência a si mesmo. A sua principal questão é com as famílias abstratas.

O mesmo acontece em termos da religião. Macri e sua equipe fazem poucas referências a Deus ou à igreja, no entanto os valores religiosos aparecem como valores culturais gerais, não questionados, e não ligados com uma religião específica. Já Bolsonaro enuncia à religião cristã como a fonte dos seus valores morais e sua orientação política. Através da sua cruzada contra o socialismo, liga o capitalismo com a religião e assim, mobiliza a defesa da religião e Deus, retórica que se consolida na "defesa da família". Bolsonaro sustenta que os valores defendidos por ele, na sua visão da religião, são os valores sociais gerais. Aponta que povo brasileiro "é cristão e conservador".

Em relação ao povo para o qual falam, Macri

o define como empreendedor, inteligente, de boa-fé, trabalhador, e cansado da conflitividade impulsionada pelo governo anterior. A sua proposta de governo é perpassada por essa superação do conflito a partir da ideia de que todos os problemas poderiam ser resolvidos no diálogo e com boas intenções, já que as ideologias, "os livrinhos", deixariam de guiar o governo. Diferentemente, Bolsonaro propõe um cenário de conflito aberto contra os seus oponentes ideológicos identificados com os conceitos amplos e difusos de "a esquerda" e "o PT"

Em termos ideológicos, enquanto Macri apresenta uma "falta de ideologia" que lhe possibilita maior empatia com a população, Bolsonaro apresenta uma posição explícita, à direita. Macri apresenta suas propostas em termos inclusivos; "todos" desejariam melhorar as condições gerais de vida e "todos" "querem viver melhor". Bolsonaro procura fazer um movimento similar, mas seu "todos" é limitado aos *cidadãos de bem* conservadores e liberais. Nesse sentido, os dois candidatos têm formas diversas de conceber a política. Pode-se dizer que enquanto Macri procura despolitizar todas as relações, Bolsonaro busca eliminar uma parte da política, aquela à esquerda.

Ambos os candidatos entendem que os governos anteriores procuraram dividir o povo criando conflitos entre grupos distintos que não existiriam realmente. Eles entendem que foram os governos precedentes os que criaram essa divisão. Enquanto Macri o faz apontando que todos os problemas têm respostas tecnocráticas, Bolsonaro aponta que as "esquerdas" devem ser excluídas para que os "brasileiros de bem" possam progredir, pois as divisões vinculadas à discriminação racial, sexual e de gênero, simplesmente não acontecem na realidade e são efeito de discursos ficcionais da esquerda.

Finalmente, os valores morais são pouco mobilizados no discurso de Macri, mas constituem o eixo das ameaças morais contra a família mobili-

zada por Bolsonaro. Ele parte do diagnóstico que o governo do PT teria afundado o país "na mais profunda crise ética, moral e econômica, nunca vista", razão pela qual a mobilização da defesa dos "valores familiares", "dos valores religiosos", da oposição à legalização das drogas, do aborto e do ensino de "ideologia de gênero" são elementos centrais e estruturadores do discurso.

Autoritarismo

Para os autoritários, quase todos os "problemas" sociais podem e devem ser resolvidos através do policiamento e do controle social. A principal expressão desta mentalidade aparece na relação que os grupos têm com o crime e a segurança pública, mas não se limita a esta, a aceitação das diferenças, das minorias e o reconhecimento da política como espaço de confronto de interesses e valores diversos também pode ser expresso em termos autoritários.

Apesar de ter ficado nitida a maior expressividade autoritária de Bolsonaro é interessante analisar este ponto. Questões centrais para Bolsonaro como a "excludente de ilicitude"⁶ e redução da maioria penal, assim como porte de armas para os *cidadãos de bem* estão ausentes no discurso de Macri, que se limita a demandar maiores investimentos do Estado para a polícia e as forças de segurança. Ambos os candidatos visualizam o narcotráfico como uma ameaça e, por isso, não consideram possível a legalização de nenhum tipo de droga. Para Macri, ele é a causa de diversos crimes, entre os quais a violência urbana e a corrupção política e policial (uma possibilidade que não aparece no Bolsonaro).

A maneira autoritária também afeta suas visões sobre as desigualdades de gênero. Para eles, um maior policiamento, como botões antipânico e castração química, é o caminho para "melhor proteger às mulheres". Estas, no entanto, aparecem nos seus discursos somente no papel de mães ou vítimas passivas da violência.

O autoritarismo se expressa também na re-

⁶ O excludente de ilicitude refere a não penalização de atos ilegais em momentos específicos, como, por exemplo, a "legítima defesa". Durante a sua campanha, Bolsonaro se referiu a esta figura legal na busca por inocentar policiais e militares que matassem suspeitos durante o cumprimento das suas funções.

lação que os candidatos estabelecem com os movimentos sociais, universitários, sindicatos e a oposição política. Bolsonaro enquadra todos estes atores dentro da "esquerda", como inimigos absolutos, anunciando a sua desapareição no seu futuro governo, sem lugar para possibilidades de negociação. Apontando, inclusive, a criminalização de muitos destes grupos. Macri, em contraposição, aponta que os movimentos de protesto não serão aceitos na Argentina, porque ele irá "ouvir" suas demandas fazendo com que naturalmente não aconteçam. Sobre os estudantes, ambos apontam que as universidades não deveriam ser lugares de militância e sim de ensino orientado para o mercado de trabalho. Nesse sentido, Macri aponta que as universidades são necessárias para fortalecer o mercado e criar emprego. Em síntese, ambos os candidatos entendem que o problema das universidades é a política, que ela deveria ser eliminada desse âmbito.

No caso de Bolsonaro há também outro elemento (ausente em Macri), que é a religião e o relacionamento com os não crentes. Bolsonaro atrela os valores religiosos com os valores morais que defende e aponta que da mesma forma que os homossexuais que votaram nele, há ateus que (mesmo sendo ateus) defendem os valores "corretos". Enquanto os PPRD europeus e norte-americanos estão preocupados com a imigração muçulmana, e é a partir dela que reforçam sua religiosidade, o bolsonarismo está preocupado com um inimigo ideológico: a "esquerda" (o comunismo). Ambos os inimigos, no entanto, ameaçam substituir os "nativos" e a "verdadeira" nacionalidade e cultura.

Para Macri, a ameaça é a continuidade da dominação peronista/kirchnerista que oprime autoritariamente os cidadãos, que estabelece padrões de comportamento imorais incentivando a cultura da trapaça e da preguiça, em lugar do esforço e da meritocracia. O inimigo também é ideológico, mas denunciado desde o lugar da não ideologia, as ameaças adquirem nomes es-

pecíficos, certos políticos, certos militantes etc. A corrupção econômica, para Macri, e a moral, para Bolsonaro, podem ser resolvidas facilmente, em ambos os casos, com a troca de governo, já que são as características *personais* dos funcionários públicos a causa que gera estes problemas.

Em suma, enquanto os inimigos dos PPRD (europeus e norte-americanos) são os "imigrantes e as suas ideias", para as direitas sul-americanas, o inimigo é um tipo de nativos *desadaptado*. Estes nativos são principalmente as elites políticas vinculadas ideologicamente com a esquerda – o PT e o kirchnerismo –, mas não exclusivamente. Com eles são trazidos também grupos maiores e mais vagamente definidos, os movimentos sociais e políticos que os apoiam, as esquerdas, os acadêmicos, os povos indígenas e, como aponta Casullo (2019), seus aliados internacionais, particularmente as *ditaduras venezuelana e cubana*.

A presença do autoritarismo é explícita nos discursos em torno da democracia e das ditaduras militares. Neste caso, o radicalismo de Bolsonaro beira o extremismo, pois nega que o golpe militar de 1964 possa ser considerado uma quebra da democracia e se propõe reivindicá-lo.⁷ Já Macri reconhece a existência do golpe de 1976 e enfatiza que continuará com os processos para a sanção dos militares envolvidos na repressão. Embora procure desviar a atenção do período autoritário, se referido à importância dos "direitos humanos do século XXI", a forma em que ele e Bolsonaro se relacionam com as ditaduras pertence a dois universos diferentes: o do reconhecimento da ilegalidade e ilegitimidade do período e o da comemoração do golpe.

O mesmo acontece em torno da discussão sobre "direitos humanos". Enquanto Macri se esforça para tirar o domínio do tema do kirchnerismo, apontando que ele constitui uma "convicção dos argentinos" e enfatizando a necessidade de "avançar" para os "direitos humanos do século XXI", Bolsonaro se opõe explicitamente. Na sua visão, os direitos humanos defendem "bandidos"

⁷ Nos limites temporais deste trabalho, considera-se o discurso do bolsonarismo como uma expressão de direita radical. No entanto, um trabalho que considere as eleições de 2022 e seus desdobramentos poderia acertadamente definir ao bolsonarismo como um movimento de extrema direita.

e deveriam ser restritos aos *cidadãos de bem*. Paralelamente rechaça o estabelecimento de "direitos especiais", isto é, direitos LGBTQIAP+, raciais e de gênero, pois entende que estas questões são mais bem atendidas quando são ignoradas e que qualquer legislação a respeito significa uma discriminação para os outros grupos.

No entanto, ambos mobilizam a democracia como um valor a ser defendido. Macri entende fazer isso a partir da sua participação nos debates, tendo uma atitude não confrontativa, garantindo as regras do jogo (na economia) e a liberdade de imprensa. Bolsonaro, por sua vez, entende que a sua atitude democrática está ligada com ter "aceito" as regras do jogo, e em defender o liberalismo (na mídia e na economia) e a propriedade privada.

O relacionamento estabelecido com as oposições políticas também expressa a aceitação das regras democráticas e o grau de autoritarismo de cada ator. Nesse sentido, Macri legitima seu oponente e o insta participar dos debates⁸, e Bolsonaro chama ao seu oponente de "fante" e "pau mandado", não o reconhecendo como ator legítimo e evitando encontrá-lo em debates.

O autoritarismo também se expressa no funcionamento do Estado e das instituições. Ambos entendem a política como responsável pela corrupção – ineficiência, lentidão, altos custos, inflação etc. – e a redução das capacidades do Estado, seu "tamanho", atribuições e áreas de atuação, como as melhores vias para eliminar estes problemas. Em ambos os contextos o imaginário dos custos da "maquinaria do Estado" e seu peso nas contas públicas serve como argumento para estas reduções.

Para eles há uma contraposição irresolúvel entre ideologia e técnica/conhecimento, pois a ideologia, a militância e, em suma, a política são rechaçadas. Ambos consideram que a ideologia pertence sempre à esquerda. Ser de direita, neste contexto, é querer resolver os "problemas sem fazer política" – embora Macri não se reconheça no pertencimento à direita. Mesmo que Bolsonaro

entenda que há conflitos ideológicos na sociedade, diferentemente de Macri, que entende que não há mais conflitos ideológicos,⁹ a questão é que para resolver os problemas, é necessário tirar a "ideologia do meio".

Nativismo e neoliberalismo subalternos

Entendendo o Nativismo a partir do Mudde (2007) como um nacionalismo xenófobo, que sustenta a ideia de que os Estados devem ser habitados exclusivamente por membros dos grupos nativos (a nação) e que os elementos não nativos – pessoas e ideias – são fundamentalmente ameaçadores da homogeneidade da nação, percebe-se que apesar de algumas declarações "patrióticas", a origem das pessoas, empresas e ideias, não é uma ameaça para Bolsonaro e Macri. De fato, as menções à imigração são quase nulas nos dois casos.

Macri, sendo ele mesmo filho de imigrantes, enfatiza a "importância" dos migrantes na construção da nação, enquanto Bolsonaro não se refere ou é questionado sobre o assunto. Já as referências a outras nações mobilizadas por ambos são utilizadas como exemplos positivos que as próprias nações deveriam adotar, e não como ameaças, fora o caso específico da Venezuela.

Nesse sentido, no lugar do nativismo, Bolsonaro e Macri expressam um critério de delimitação dos grupos que serão inclusos no *nós* e no *eles*, que implica uma subalternização da própria nação diante das nações estrangeiras superiores. Esta acontece de três maneiras diferentes.

Em primeiro lugar, há uma valoração positiva das influências estrangeiras para o país em termos de valores culturais e morais, e étnicos assim como de *importação* de políticas públicas e admiração de bens e serviços estrangeiros. Em segundo lugar, a subalternidade se expressa na crença de que uma aproximação mais estreita com os países do norte global é intrinsecamente desejável e benéfica para o país, entendendo a aproximação como o incremento dos intercâmbios comerciais políticos e diplomáticos. Em

⁸ Embora aponte que este, Daniel Scioli, representava não a própria vontade, mas a da Cristina Kirchner.

⁹ Ao ponto que chama os eleitores da esquerda para se unir com ele no segundo turno.

terceiro lugar, a subalternidade se expressa na desconfiança e desvalorização contra os grupos sociais, valores morais e culturais do próprio país.

Para fins analíticos, denomino para cada uma destas dimensões a seguinte forma: *admiração*, *fé* e *segregação*, respectivamente. A *admiração* se expressa nas falas dos candidatos que utilizam como exemplo políticas e comportamentos dos países centrais e, eventualmente, de outros países da América Latina. Um elemento importante desta admiração é a falta de percepção crítica do contexto social, histórico, geográfico e econômico no qual determinadas políticas ou comportamentos têm lugar. Ambos os candidatos expressam uma admiração para com as lideranças e países estrangeiros. Mas, enquanto Bolsonaro o faz de maneira explícita, reconhecendo "gostar muito dele (Trump)", Macri o expressa de maneira mais contida e velada, "temos que fazer como eles" ou "temos que nos unir com eles". Vale destacar que não é mobilizada uma crítica contra os valores morais estrangeiros no país, o neoliberalismo cristão, em defesa de valores nativos ou originários, como a teoria de Mudde sugere. De fato, há uma defesa destes valores, como autenticamente nativos e uma incorporação ativa deles em um horizonte de maior assimilação.

A *fé* no potencial benéfico do contato com as nações admiradas fica expressa na necessidade de *retornar* ou se *integrar* ao mundo sem maiores justificativas. Sustenta-se que *per se*, o maior contato com as nações poderosas será uma influência positiva para a economia e a sociedade nacional. O objetivo é voltar para *o mundo*, e esse voltar para *o mundo* por si só já explica tanto o estado de "afastamento" anterior quanto os benefícios do retorno. Normalmente nos PPRD a oposição contra a globalização está vinculada com a defesa da identidade nacional, algo que não aparece nos casos analisados.

A principal questão em relação com outras nações é a troca comercial, na qual – quase – todos os países são considerados parceiros viáveis. O grande argumento de Macri, para sustentar sua política econômica, usa como exemplo de sucesso imitar os países do Norte global e, em

menor medida, aos países latino-americanos. Já Bolsonaro, traz exemplos fundamentalmente dos Estados Unidos, Israel ou Japão. Mas a relação com estes centros de poder não se estabelece de forma horizontal, mas hierárquica. Somos *nós* que devemos facilitar que eles venham investir, *nós* devemos ser atrativos para *eles*, *ser confiáveis para eles*. Nesse sentido, falando sobre a reciprocidade de vistos estabelecida pelo PT, Bolsonaro aponta:

Tem certos países que você tem que dar o direito ao visto de turista sem a reciprocidade. Ninguém da Suécia, dos Estados Unidos, do Japão, da Coreia do Sul quer vir aqui para o Brasil procurar emprego e ficar aqui, eles querem fazer o turismo e ir embora, então, nós devemos facilitar esse visto, visto eletrônico, poderia ser nesse sentido. (Bolsonaro, 2018)

Bolsonaro entende que ninguém, originário dos países admirados, poderia ter desejo ou vontade de morar no Brasil e que o interesse no país não pode ultrapassar um período de turismo exótico. Temos que nos submeter ao que for necessário para atrair sua atenção e interesse.

Já a *segregação* se expressa na delimitação de inimigos internos que se procura enquadrar como *estrangeiros*. Este ponto, considerando a dinâmica dos discursos eleitorais, cuja tendência à aglutinação e inclusão de atores/eleitores desestimula a segregação, precisou ser capturada nas entrelinhas dos discursos. Bolsonaro e Macri enxergam um tipo de estrangeiro diferente do visto pelos PPRD europeus e norte-americanos: o migrante interno e o estrangeiro moral. Para Bolsonaro este estrangeiro, o migrante interno, é caracterizado como o nordestino, o indígena e aqueles possuidores de uma moralidade não tradicional. Enquanto para Macri é o Bonaerense (cidadão do Estado de Buenos Aires).

Nesse sentido, diz Bolsonaro aos seus eleitores do Piauí: "*vocês* são tão *iguais* como *nós* aqui no Sudeste". Isso se repete ao falar com os indígenas, ao apontar que "*vocês* são tão brasileiros como *nós*". Mas é com a esquerda, os inimigos morais, que expressa a exclusão de maneira mais explícita: "esses marginais vermelhos serão banidos de *nossa pátria*".

Já em Macri, percebe-se o esforço por diminuir a delimitação criada entre um *nós* próprio da cidade de Buenos Aires – rica, de descendência europeia, culta, *civilizada* – e o *eles*, próprio dos cidadãos do Estado de Buenos Aires e do *interior* do país – pobres, de descendência latino-americana, incultos. Este esforço se dá porque os cidadãos do Estado de Buenos Aires já tinham sido enquadrados como invasores que se aproveitavam dos serviços públicos oferecidos na cidade durante o tempo em que Macri era prefeito dela.

Em termos do *rechaço* ao estrangeiro típico dos PPRD, apenas a Venezuela é colocada em ambos os discursos de maneira semelhante. A inimidade, no entanto, não se orienta à população. Os imigrantes são entendidos como vítimas da ditadura comunista do país, apoiada pelos kirchneristas ou pelo PT. O desprezo se dá contra o governo venezuelano, percebido como “autoritário, antidemocrático, socialista”. Nas nações repelidas por Bolsonaro também se incluem China, Cuba e, em menor medida, a Rússia, dada a história socialista destes países. Isso porque, para Bolsonaro, o pertencimento à esquerda parece agir como uma condição da qual não é possível sair, uma vez que se teve contato com ela. Ele expressa uma lógica antagonista característica dos anos da Guerra Fria, que enxerga os seus oponentes como inimigos absolutos, próxima daquela dos PPRD do Leste europeu descrita por Mudde (2007). Macri parte de uma lógica pós-Guerra Fria – na qual os grandes relatos foram derrubados pelo triunfo do capitalismo – mais próxima à ideia do “fim da história”, como descrita por Francis Fukuyama (2015), na qual aos *homens modernos* somente lhes resta reconhecer esta verdade e agir conforme a mesma.

Outras dimensões do nativismo também se expressam de maneira diferenciada, em função da subalternidade. Em Bolsonaro, por exemplo, o bordão “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” está mais perto de um nacionalismo religioso que do nativismo do “Alemanha para os alemães”. Isso, contudo, não implica que, para Bolsonaro, o relacionamento com os seus inimigos seja de entendimento e cooperação. O desejo

de expulsão dos inimigos se mantém, a partir do pertencimento moral, religioso e ideológico, e não do pertencimento nacional. Já no caso de Macri, as referências são escassas. Seu bordão (“*si se puede*”) orienta-se para a dimensão meritocrática e individualista. Sobre a meritocracia, Bolsonaro e Macri expressam um entendimento tipicamente liberal: não diferenciam entre nativos e estrangeiros, e entendem o sucesso como resultante somente do esforço pessoal. Eles entendem, portanto, que olhando “somente para o mérito” questões como homofobia e machismo podem ser superadas.

Considerações finais

Em 9 de julho de 2016, já na presidência, Mauricio Macri discursou no ato pelo Bicentenário da Independência Argentina. Apesar de convidados, nenhum presidente da América Latina participou do evento, quem sim aceitou o convite foi o Rei Emérito da Espanha, Juan Carlos. Foi para ele que Macri dirigiu a que seria uma das suas falas mais lembradas. Disse Macri que, os independentistas argentinos “deviam ter angústia de tomar a decisão, querido rei, de se separar de Espanha”. Na sua interpretação, aqueles que organizaram um exército para combater as forças colonizadoras espanholas estavam tristes por não mais ser dominados por aquele país. O exemplo precedente assim como muitos outros podem ser rastreados nos discursos e nas ações dos governos de Bolsonaro e Macri, já que as lógicas presentes neles não se restringiram aos períodos eleitorais de 2015 e 2018 analisados aqui.

Este artigo foi guiado pelos diversos trabalhos de Cas Mudde e a sua teorização em torno dos PPRD. Com isso, foi entendido que sua contribuição para o campo de estudos das direitas radicais justifica seu uso como referência principal. A partir destas categorias teóricas foi encontrado que, tanto Bolsonaro quanto Macri mobilizaram discursos autoritários e populistas, de maneiras e com intensidades diferentes. No entanto a dimensão central do trabalho de Mudde (2007), o nativismo, não se encontrava presente em nenhum deles. No seu lugar, ambas as lideranças

enxergaram seu patriotismo e nacionalismo a partir de determinados valores e crenças, como um efeito da subalternidade (submissão) perante nações mais poderosas e bem-sucedidas.

É importante destacar que a xenofobia e os discursos de ódio diante estrangeiros, particularmente da América Latina, não estão ausentes no pensamento das direitas argentinas e brasileiras, como diversos trabalhos mostram (Flax 2019; Pagliarone e Quiroga 2021). No entanto, o fato destes argumentos estarem ausentes nas campanhas eleitorais mostra como estas ideias não estruturam as propostas políticas dos candidatos nem as demandas dos eleitores, como sim acontece no contexto das ultradireitas europeias e norte-americanas. Por outro lado, também é interessante notar que o rechaço expressado contra os imigrantes de países limítrofes também aparece ao se referir a cidadãos de regiões específicas do próprio país (por exemplo; os "nordestinos" no caso de Bolsonaro).

Entendo a subalternidade aqui não *necessariamente* como uma posição real do subalterno, mas como um esforço ativo por se submeter e se colocar em dita posição. Aqui a subalternidade se coloca no lugar do nativismo identificado por Mudde (2007, 2019) na Europa e nos Estados Unidos, mas se orienta contra os próprios membros da nação, em favor de grupos estrangeiros. Macri e Bolsonaro constituem exemplos de uma direita "subalterna" que almeja a assimilação e a incorporação de elementos estrangeiros para o melhoramento da economia, da cultura e dos valores sociais. Embora Macri deva ser considerado um neoliberal pelo foco dado na campanha para a meritocracia, o mercado e o individualismo, e Bolsonaro um nativista, pela centralidade à "nação" e à "pátria", o certo é que estas características somente podem ser entendidas se considerada a subalternidade como um modificador em ambas

Na América Latina, os autointitulados "verdadeiros" patriotas e nacionalistas, como Macri e Bolsonaro, não hesitam ao procurar atrair a

atenção e agradar as potências do Norte global facilitando o ingresso – e particularmente a retirada – de capitais, flexibilizando as normativas ambientais ou impositivas e fundamentalmente expressando uma submissão explícita e um respeito exagerado às suas lideranças, história e interesses. A demarcação das direitas, por isso, não é entre o "nativo" e o estrangeiro, mas entre os *cidadãos de bem*, a *buena gente* e o "resto".¹⁰

Referências

- Adorno, Theodor, Else Frenkel-Brunswik, Daniel Levinson, e Nevitt Sanford. 2019. *The Authoritarian Personality*. London: Verso.
- Bolsonaro, Jair. 2018. "Entrevista à TV Cidade Verde: Infraestrutura, logística, educação, economia, turismo e verdades." YouTube video, 24 out. 2018. <https://www.youtube.com/watch?v=aiC3wFEyY3U>.
- Caiani, Manuela. 2018. "Radical Right Cross-National Links and International Cooperation." In *The Oxford Handbook of the Radical Right*, edited by Jens Rydgren, 562-85. Oxford: Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190274559.013.20>.
- Casullo, María Esperanza. 2019. *¿Por qué funciona el populismo? Siglo XXI Editores: Buenos Aires*.
- Chizzotti, Antonio. 2010. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Connell, Raewyn. 2012. A iminente revolução na teoria social Conferências. *Revista brasileira de Ciências Sociais* 27 (80): 9-20. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300001>.
- Eatwell, Roger. 2004. Introduction: the new extreme right challenge. In *Western Democracies and the New Extreme Right Challenge*, edited by Roger Eatwell e Cas Mudde, 1 -17. Routledge: London; New York.
- Figueiredo, Marcus, Alessandra Aldé, Heloisa Dias, e Vladimir Jorge. 1997. Estratégias de persuasão eleitoral: uma proposta metodológica para o estudo da propaganda eleitoral. *Opinião Pública* IV (3): 182-203.
- Flax, Rocío. 2019. La construcción del inmigrante en el discurso político argentino: el caso del Parque Indoamericano. *D.E.L.T.A.* 35 (4): 1-20. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460X2019350411>.
- Fukuyama, Francis. 2015. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

¹⁰ Acontecimentos posteriores ao desenvolvimento do presente trabalho, como a radicalização política argentina no caso das eleições de 2023 ou a tentativa de golpe contra Luiz Inacio "Lula" da Silva no início do seu governo no mesmo ano e as consequentes investigações apontando a responsabilidade de Jair Bolsonaro nos acontecimentos podem pôr em questão algumas das avaliações do presente trabalho. No entanto a subalternidade como característica central da direita na América Latina, não é contestada.

Lewis, Rebecca. 2020a. "All of YouTube, Not Just the Algorithm, is a Far-Right Propaganda Machine." *Medium*. Acessado em 22 jun. 2022. [fwd.medium.com/all-of-youtube-not-just-the-algorithm-is-a-far-right-propaganda-machine-29b07b12430](https://www.fwd.medium.com/all-of-youtube-not-just-the-algorithm-is-a-far-right-propaganda-machine-29b07b12430).

Lewis, Rebecca. 2018b. "Why influence matters in the spread of misinformation. Data & Society: Points." Acessado em 18 jun. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3DfuKYa>.

Lewis, Rebecca. 2018a. *Alternative Influence: Broadcasting the Reactionary Right on YouTube (White paper)*. New York: Data & Society Research Institute.

Mudde, Cas. 2019b. EU Elections: Moving the Center. *Journal of Democracy* 30 (4): 20-34. <https://doi.org/10.1353/jod.2019.0066>.

Mudde, Cas. 2007. *Populist radical parties in Europe*. Cambridge University Press: Cambridge.

Mudde, Cas. 2020. Riding the fourth wave. The role of business in far-right politics. *IPPR Progressive Review*. 26: 296-304. <https://doi.org/10.1111/newe.12175>.

Mudde, Cas. 2018. *The Far Right in America*. Routledge: London; New York.

Mudde, Cas. 2019a. *The far right today*. Polity Press: Cambridge.

Munger, Kevin; Phillips, Joseph. 2020. Right-Wing YouTube: A Supply and Demand Perspective. *The International Journal of Press/Politics* 27 (1): 1-34. <https://doi.org/10.1177/1940161220964767>.

Orsi, Guillermo. 2022. "Entre a buena gente e o cidadão de bem: Uma análise comparativa das direitas latino-americanas a partir dos discursos de Macri e Bolsonaro nas campanhas presidenciais de 2015 e 2018." Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/254355>.

Pagliarone, Maria Florencia, e Maria Virginia Quiroga. 2021. Discursos políticos de odio en Argentina y Ecuador. El inmigrante pobre como otredad. *Revista IUS/ Revista del Instituto de Ciencias Jurídicas de Puebla* 15 (47): 103-32. <https://doi.org/10.35487/rius.v15i47.2021.663>.

Prego, Florencia, e Monica Nikolajczuk. 2020. ¿Nuevos actores en las "nuevas" derechas del siglo XXI en América Latina?: los casos del macrismo en Argentina (2015) y el bolsonarismo en Brasil (2018). In *Intelectuales, democracia y derechas*, editado por Alfredo Falero, Charles Quevedo, e Lorena Soler, 221-36. Buenos Aires: El colectivo. <https://doi.org/10.2307/j.ctv253f4g2.14>.

Rydgren, J. 2007. The sociology of the radical right. *Annu. Rev. Sociol.*, 33: 241-62. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.33.040406.131752>.

Swanson, David, e Paolo Mancini, ed. 1996. *Politics, media and modern democracy: an international study of innovations in electoral campaigning and their consequences*. Westport: Praeger.

Tufekci, Zeynep. 2018. YouTube, the Great Radicalizer. *New York Times*, 10 mar. 2018. <https://www.nytimes.com/2018/03/10/opinion/sunday/youtube-politics-radical.html>.

Weiss, Raquel. Efervescência, dinamogenia e a ontogênese social do sagrado. *Mana* 19 (1). <https://doi.org/10.1590/S0104>.

Guillermo Omar Orsi

Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil, com período sanduiche na Scuola Normale Superiore de Florença, na Itália; mestre em Sociologia pela UFRGS; graduado em Ciência Política pela Universidad de Buenos Aires (UBA), em Buenos Aires, Argentina; formado no programa de Atualização em Docência Universitária da UBA. Professor do curso de Relações Internacionais na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), em Chapecó, SC, Brasil.

Endereço para correspondência

Guillermo Omar Orsi

Thomas Zidko 520

Parque Das Palmeiras, 89803-640

Chapecó, SC, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do autor antes da publicação.

